

Análise das Estratégias Retóricas Presentes no Discurso de Posse do Deputado Jean Wyllys

Luciano Marcos dos Santos*

* Servidor Público Federal. Professor do Instituto Federal do Paraná. Mestre em Sociedade Cultura e Fronteira pela UNIOESTE.

luciano.santos@ifpr.edu.br

Palavras-chave

Discurso
Movimentos sociais
Persuasão
Política
Retórica

Resumo:

Jean Wyllys é o primeiro deputado assumidamente homossexual a ser eleito e ocupar função no Congresso Nacional. Seus posicionamentos e perfil político despertaram atenção, uma vez que seus discursos demandam argumentos que sustentem suas teses. Diante desse quadro a pergunta que se configura é: quais recursos responsáveis pela persuasão estão presentes no discurso de Jean Wyllys? Foi escolhido para análise um discurso bastante significativo, disponível na sua página da internet no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), seu discurso de posse. Para esse fim, utilizou-se a Retórica enquanto teoria do discurso e analisaram-se os argumentos de ordem afetiva – *ethos* e *pathos* e de ordem racional – *logos*. Foram analisados o *ethos* que se refere à argumentação persuasiva, o *pathos*, que corresponde ao apelo às paixões do público, a fim de convencer pelo lado emocional, e o *logos*, os argumentos lógicos ou elementos racionais, das instâncias argumentativas do discurso de posse do citado deputado.

Artigo recebido em: 11.11.2014.

Aprovado para publicação em: 23.06.2015.

INTRODUÇÃO

A Retórica é tema de estudos desde o seu surgimento na Grécia até os dias atuais. O desenvolvimento da teoria retórica acompanha o próprio desenvolvimento da humanidade. Como fruto da produção discursiva chega ao status de ciência pelas ideias, primeiramente de Aristóteles. A retórica tem características peculiares, conforme afirma Reboul (2004): é simultaneamente multidisciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar e pluralista, acaba por formar também outras teorias que tem como objeto a linguagem.

Para esta investigação utilizo como referência a Retórica enquanto teoria do discurso, amparada pelas ideias de Aristóteles e também a linha teórica de Perelman e Tyteca (2005), que propõem uma categorização e sistematização das técnicas argumentativas.

Aristóteles afirma que tudo que influencia na persuasão é considerado argumento e define três tipos de argumentos que constituem instrumentos de persuasão: argumentos de ordem afetiva – *ethos* e *pathos* – e de ordem racional – *logos*.

Tendo em vista que a Retórica é a ciência que investiga os recursos responsáveis pela persuasão no discurso o objetivo central desta pesquisa reside em analisar o discurso de posse na câmara do deputado federal Jean Wyllys (deputado eleito pelo partido PSOL e o primeiro deputado assumidamente homossexual) a fim de apresentar uma análise dos argumentos de ordem afetiva – *ethos* e *pathos* e de ordem racional – *logos* presentes neste discurso.

A análise concerne ao contexto deste discurso. Analiso: o *ethos* que se refere à argumentação persuasiva, o *pathos*, que corresponde ao apelo às paixões do público, a fim de convencer pelo lado emocional, e o *logos* que são os argumentos lógicos das propagandas, os elementos racionais dos textos.

Para alcançar tal objetivo, ao longo do trabalho apresento o aporte teórico, o qual sustentará a pesquisa, a caracterização do discurso analisado, a análise dos argumentos utilizados e as considerações finais.

Este trabalho se justifica pelo interesse pelos estudos retóricos, em especial, pela possível funcionalidade dos recursos retóricos/argumentativos utilizados no discurso político. Vemos também que há uma importância histórica o fato da eleição de um candidato homossexual à Câmara dos Deputados, uma vez que, o deputado eleito Jean Wyllys tem dentre seus propósitos políticos a luta pelos direitos dos homossexuais. Sendo assim, o estudo de seu discurso se torna importante para a compreensão dos recursos retóricos empregados, uma vez que quem discursa está agindo sobre o outro, de alguma forma, por meio da linguagem.

A RETÓRICA

Segundo Reboul (2004), a Retórica nasce na Sicília, por volta de 465 a.C., após a expulsão dos tiranos. Nasce da necessidade do povo de defender-se juridicamente com o objetivo de defender sua causa, já que neste período não haviam advogados. A Retórica nasce no âmbito judiciário tendo como definição primeira dado por Córax como “criadora de persuasão”. Por mãos, ou melhor dizendo, capacidade retórica os logógrafos redigiam as queixas sustentando a capacidade de convencer qualquer pessoa ou coisa através do poder persuasivo. Sua retórica não argumentava a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil.

Corax e Tísias, procuraram apresentar os estudos da verossimilhança e defendem o seu estudo através da ciência, procurando defender pelo raciocínio, ou seja, através do *logos*.

Górgias e outros sofistas atribuem poder à palavra, não necessariamente à verdade que ela carrega, mas o poder de convencimento que se estabelece através de seu uso e sua relação com o auditório. Os sofistas criaram a Retórica como arte do discurso persuasivo. Sua contribuição para os estudos retóricos é, sem dúvida, importante, principalmente no que se refere às habilidades no falar e manuseio das palavras no objetivo de convencer seu interlocutor.

Já para Aristóteles a Retórica deve ser exaltada não como poder somente da palavra, como o faziam os sofistas, mas sim no peso de um discurso procedido por silogismos ou entimemas. À luz da razão, Aristóteles estabelece então uma nova teoria sistematizada, envolvendo a integração entre a razão (*logos*) e a emoção (*ethos* e *pathos*). Esse mesmo autor irá definir três tipos de argumentos apoiados na razão, no caráter moral do orador e na emoção.

ETHOS

Reboul (2004) define o *ethos* como um argumento que visa a demonstrar o caráter do orador, de modo que possa inspirar confiança no auditório. Segundo ele, o orador, se quiser convencer determinado público, deve criar condições de credibilidade, ser sincero, sensato e simpático.

Aristóteles apresenta-nos a dimensão moral que o orador deve possuir para conseguir a adesão do auditório, sem necessariamente ter isto correspondência com a verdade. O caráter moral do orador “constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência [...]. Enfim, é pelo discurso que persuadimos, sempre

que demonstramos a verdade ou o que parece ser verdade” (s/d, p. 33). Para o filósofo, a persuasão ocorre quando o orador, através de sua habilidade linguística, aliada ao seu *ethos*, seu caráter moral, a imagem que ele tem de si e que o auditório tem dele, são componentes formadores do argumento.

Para Perelman e Tyteca (2005), o orador constrói seu *ethos* em função das expectativas de seu auditório, das imagens que faz dele, e a interação entre os dois se faz por meio da imagem que um faz do outro.

Para Maingueneau (2005), o *ethos* não é apenas um meio de persuasão. É parte integrante da cena discursiva, ocupando o mesmo estatuto que os vocábulos ou o modo de enunciá-los, influenciando opiniões e atitudes.

Ampliando a noção de *ethos*, Dittrich (2009), apoiado pela teoria da argumentação de Perelman e Tyteca, apresenta os argumentos credenciadores e legitimadores, os quais apoiam o *ethos*. Para este autor, os argumentos credenciadores favorecem a confiança no proponente da tese e os legitimadores a legitimam social e juridicamente.

PATHOS

Como mencionei anteriormente, a Retórica tem um componente emocional, ou ainda, psicológico (*pathos*). Para argumentar, é necessário que o orador tenha apreço, seja ouvido, com o objetivo de obter a adesão e influenciar o auditório ao qual se dirige; mas, acima de tudo, segundo Perelman e Tyteca (2005, p. 18), é preciso “preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito”. Estes autores defendem a ideia de que é necessário ter em mente o público ao qual nos referimos com a finalidade de “conquistar-lhe” o apoio à causa defendida.

[...] os seres que querem ser importantes para outrem, adultos ou crianças, desejam que não lhe ordenem mais, que lhe ponderem, que se preocupem com suas reações, que os considerem membros de uma sociedade mais ou menos igualitária. Quem não se incomoda com um contato assim com os outros, será julgado arrogante, pouco simpático [...] (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 18).

Com base nestas ideias, algo deve ficar claro, que o *pathos* envolve aspectos psicológicos no processo discursivo de convencimento, funcionando conforme os sentimentos do auditório, o orador deve despertar a paixão.

O *pathos* tem dentre suas funções a de despertar a empatia e a sensibilidade do auditório, tornando o discurso agradável e atraente sem deixar de ser pensado, ou melhor dizendo racionalizado.

Outras instâncias argumentativas operam no discurso a fim de alcançar o objetivo persuasivo. Dentre elas está o *logos*.

LOGOS

Perelman e Tyteca (2005) enfatizaram em seus estudos a estrutura da argumentação. O *logos* é a dimensão racional do processo argumentativo, estando atrelado aos aspectos persuasivos de adesão do auditório à tese proposta. Ainda conforme estes autores o orador que visa uma argumentação eficaz necessita: selecionar, organizar, adaptar os dados e interpretá-los. O auditório pode aderir à causa

apresentada, conforme a habilidade do orador de selecionar a linguagem adequada, sua capacidade de organização dos argumentos e de interpretação dos mesmos.

De acordo com Eggs (2005, p. 41),

O logos convence em si e por si mesmo”, independente da situação de comunicação concreta, enquanto o ethos e o pathos estão sempre ligados à problemática específica de uma situação e, sobretudo, os indivíduos concretos nela implicados” (grifos do autor). (EGGS, 2005, p. 41).

Percebe-se que o *logos* é um componente argumentativo pertencente a uma esfera racional, uma vez que está ligado a capacidade discursiva do orador, na apresentação da tese e organização dos argumentos.

As teorias retóricas funcionam em função do discurso produzido por um orador a um determinado público em um determinado período histórico. Nesse sentido apresentamos a seguir os temas que situam a natureza do discurso em possível análise, bem como o contexto em que é produzido.

O DISCURSO ARGUMENTATIVO

Orlandi (2007) e Foucault (2006) consideram discurso como um processo de construção social, constituído nas relações de interação entre interlocutores. Não se trata então somente de um encadeamento de palavras, que por sua vez formam frases com objetivo de significar algo a outro, mas sim, um processo que envolve o meio social no qual foi produzido.

Segundo Maingueneau (2008), o discurso pode estar identificado com um determinado sistema ou nos textos que são produzidos por este sistema. Há sempre uma correlação entre o local de produção e o que é produzido. Assim, observamos que: A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. “... As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2007, p. 21).

Já que o discurso é uma prática social da linguagem na qual há agentes envolvidos em um processo de interação que por sua vez irão materializá-lo, em uma perspectiva retórica necessitamos levar em consideração os agentes envolvidos neste processo (suas crenças, valores, atitudes, o que, de forma geral se considera como doxa)

No discurso argumentativo são utilizados juízos de valor não isentos de ambiguidades (os chamados raciocínios dialéticos); os raciocínios são pessoais e sem necessidade de recurso à lógica (não impositivos); o auditório é geralmente particular, mas visando um auditório universal e está implicado no discurso e na busca do preferível.

De acordo com Abreu (2002), o ato de argumentar implica em convencer pela razão e persuadir pela emoção. Essas são as provas que sustentam e formam a argumentação.

A retórica, diz Aristóteles, compreende três tipos de provas (*pisteis*) como meios de persuadir: os dois primeiros são o *ethos* e o *phatos* [...]; constituem a parte afetiva da persuasão. O terceiro tipo de prova, o raciocínio, resulta do *logos*, constituindo o elemento propriamente dialético da retórica (REBOUL, 2004, p. 36).

A argumentação, por sua vez, é entendida como o processo da ação argumentativa que consiste em propor determinada opinião por meio do discurso, colocando-a à apreciação de determinado auditório, buscando-lhe a adesão. Esse processo exige do orador que, além de dominar a organização dos argumentos a partir de opiniões geralmente aceitas, saiba buscar suporte técnico em conhecimentos que sustentem o esquema argumentativo.

O DISCURSO POLÍTICO

Menezes (2004) quando trata dos gêneros discursivos em sua obra, estabelece uma classificação para o discurso político, considerando as semelhanças e diferenças em relação ao espaço público. O autor conclui que de acordo com os espaços de ocorrência, o discurso político se constituirá em novos discursos:

(a) No espaço da cidadania: o gênero político partidário [...]; o gênero político parlamentar[...]; o gênero político eleitoral [...]; o gênero político de governo [...]; (b) No espaço mundial/local: o gênero político da diplomacia [...]; o gênero político popular ou dos movimentos sociais [... como o movimento feminista, de homossexuais, ecologistas, trabalhadores rurais sem-terra...] em nível nacional e, por vezes, internacional; (c) No espaço doméstico: o gênero político doméstico [...as questões se colocam no nível das relações familiares e têm o poder de migrarem para os diversos outros espaços]; (d) No espaço da produção: o gênero político institucional da empresa e o gênero institucional do sindicato ... (MENEZES, 2004, p. 254).

Percebemos que, segundo este autor, o discurso político está intimamente ligado ao seu espaço de produção e deve a ele a sua constituição. Em cada lugar há algum fator sócio-discursivo que irá contribuir para a formação de subgêneros do discurso político.

O certo é que o espaço público não é homogêneo. Ele é fragmentado em diversos espaços que se entrecruzam e não respondem às mesmas finalidades. O discurso político circula nesses meandros metamorfoseando-se ao sabor das influências que sofre de cada um deles. (CHARAUDEAU, 2006, p. 31).

O autor ainda define a natureza do discurso político.

Para Charaudeau (2006), o discurso político funciona na conjunção de discursos de ideias e discursos de poder (verdade e possibilidade), pensamento e ação. Uma vez que os primeiros dizem respeito à verdade, e os segundos à problemática do verdadeiro, do falso e do possível. Dada essa duplicidade, o discurso político teria tendência a se orientar do *logos* em direção ao *ethos* e ao *pathos* (conteúdo e encenação).

CONTEXTUALIZAÇÃO DO DISCURSO ANALISADO

QUEM É JEAN WYLLYS?

Conforme o *site* do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no qual Jean Wyllys tem uma página e nela encontramos sua biografia, ele tem uma história de envolvimento com trabalhos em favor da justiça social,

de uma educação para a cidadania, para a valorização da vida e em favor das liberdades civis, que remonta à sua adolescência, quando pertencia às pastorais da Juventude Estudantil e da Juventude do Meio Popular. Atuava nas comunidades eclesiais de base da Igreja Católica. Parceiro dos movimentos LGBT, negro e de mulheres, Jean Wyllys participa de ações que combatem a homofobia, a intolerância e o fundamentalismo religiosos, a discriminação contra o povo de santo, o trabalho escravo, a exploração sexual de crianças e adolescentes, e as violências contra a mulher.

Jean Wyllys foi eleito deputado federal pelo PSOL-RJ para o mandato 2011-2015. É escritor, com três livros publicados; professor universitário na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e Universidade Veiga de Almeida (UVA), ambas no Rio de Janeiro. Foi colunista do jornal Correio da Bahia e também vencedor do programa de *reality-show* Big Brother Brasil, em 2005.

Diante de seu perfil verificamos que ele tem estreita ligação com os movimentos sociais relativos ao gênero, no caso, devido a sua orientação sexual, o movimento gay. O discurso analisado aponta essa ligação política, bem como seu plano de governo e suas metas enquanto deputado federal. Portanto faz-se necessário abordar o tema relativo aos movimentos sociais da causa LGBT.

O MOVIMENTO LGBT

O Movimento de Defesa dos Direitos dos Homossexuais surgiu na Europa, nos finais do século passado, tendo como principal bandeira a descriminalização da homossexualidade e o reconhecimento dos direitos civis dos homossexuais.

Durante o Nazismo, mais de 300 mil gays foram presos nos campos de concentração, e só depois da Segunda Guerra Mundial que o Movimento Homossexual começa a se estruturar na Europa e Estados Unidos.

O marco do início do movimento LGBT foi a rebelião ocorrida em 28 de junho de 1969 contra a repressão policial de um bar frequentado por gays, lésbicas, travestis em Nova York (o Stonewall Inn). No final dos anos 60 o movimento adquire um maior desenvolvimento os participantes fazem campanhas com objetivo de mudar a legislação homofóbica. Em 1968, desenvolveram-se organizações LGBT em vários países da América Latina. No Brasil as organizações LGBT surgem no final dos anos 70. Em 1995, ocorre a primeira Parada do Orgulho Gay.

Alguns movimentos e organizações LGBT têm defendido que a identidade gay é um elemento que unifica os direitos do público LGBT.

Os movimentos de gays e lésbicas, por exemplo, (...) criaram nas últimas duas décadas uma série de novos valores que remetem a normas sociais que extrapolam o simples respeito à dignidade da pessoa humana ou à liberdade individual dos cidadãos. Eles criaram novos códigos éticos, abriram novas possibilidades para seus direitos, como a escolha do próprio sexo, por exemplo. Não se trata de um valor defendido pela sociedade como um todo; ao contrário, existe forte resistência a esta demanda, por parte de conservadores e nãoconservadores, principalmente nos países de tradição religiosa cristã-católica. Mas se trata de um valor novo, e este é o ponto que estamos querendo destacar (GOHN 2006, p. 168).

O movimento LGBT passou a se organizar em torno da criação de grupos que lutavam pela igualdade de direitos e contra a discriminação. No Brasil temos o “Somos” e o “Grupo Gay da Bahia”. Estes grupos se tornaram organizações não governamentais (ONG) financiadas pelo Estado. As mudanças destacadas por

Gohn, se devem ao trabalho destas Ong's e por outras espalhadas pelo mundo, pois através delas a sociedade passou a aceitar o homossexual e respeitar a diferença, porém ainda muitos homossexuais são vítimas de preconceitos, existindo um alto número de assassinatos vitimando esse público.

ANÁLISE RETÓRICA DO DISCURSO DE POSSE DE JEAN WYLLYS

ETHOS – ARGUMENTAÇÃO PERSUASIVA DO DISCURSO

Reboul (2004) define o *ethos* como um argumento que visa a demonstrar o caráter do orador, de modo que possa inspirar confiança no auditório. Segundo ele, o orador, se quiser convencer determinado público, deve criar condições de credibilidade, ser sincero, sensato e simpático.

Não bastasse a miséria, e talvez mesmo por conta dela, meu pai enfrentava problemas com alcoolismo e, por isso, não parava nos subempregos que, vez em quando, permitia-lhe trazer comida para casa. Minha mãe trabalhava como lavadeira para não nos deixar morrer de fome. E, para ajudá-la nesta tarefa nobre, eu fui, aos dez anos de idade, para o mercado de trabalho informal. Trabalhava num turno e estudava em outro. Aos sábados e domingos, eu e meus irmãos nos dedicávamos às atividades do centro comunitário da Baixa da Candeia (WYLLYS, 2011).

Verifica-se que o discurso está enfatizando o *ethos*, que conforme Aristóteles é construído a partir do caráter moral do orador “constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência [...]. Enfim, é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser verdade” (s/d, p. 33). Verificamos que o *ethos* é apresentado através das palavras do deputado Jean Wyllys, quando o mesmo fala de sua formação através do trabalho, expondo a todos a dupla jornada que enfrentava: trabalhando e estudando. Atentamo-nos ao fato também da utilização do adjetivo *nobre* empregado por ele, para se referir ao trabalho. O deputado continua expondo sua formação em outros trechos,

... Acontece que eu sempre gostei de aprender e de ler. Sempre gostei da escola. E para a escola eu ia mesmo nos dias em que não havia absolutamente nada para comer lá em casa. E aos sábados e domingos passava horas na biblioteca da casa paroquial lendo livros. Livros que me deram valores humanistas e a preocupação com o outro, típicos do cristianismo – sim, porque se, por um lado, o cristianismo fundamentalista que vigora no Congresso Nacional e sua ameaça ao Estado laico e democrático de direito nos apavoram, por outro, é inegável que foi o cristianismo livre de fundamentalismo que nos trouxe a idéia de que o que torna um homem virtuoso são seus atos, ou seja, para verdadeiro cristianismo, um ser humano é virtuoso quando age em favor do bem comum; mas voltando aos livros ... livros que me levaram ao movimento Pastoral da igreja Católica – eu me engajei na pastoral da juventude estudantil e na pastoral da juventude do meio popular – e ao trabalho nas comunidades eclesiais de base (WYLLYS, 2011).

O *ethos* é construído não somente a partir do enunciador – retor, não somente ele apresenta suas credenciais para valorizar a tese, ele constrói representações ao longo do discurso. “A confiança é o ingrediente essencial, e ao mesmo tempo o mais frágil, da comunicação entre os homens” (Bertrand, 1999, p. 18). A construção do *ethos* no discurso do deputado Jean Wyllys se faz através do auditório no momento em que ele apresenta sua formação: erudito e aluno dedicado, além da formação cristã. Levando-se em conta que

o deputado é homossexual assumido percebe-se que ele ressalta em seu discurso essas características, em função do auditório. O caráter do retor é ressaltado fortalecendo o discurso. Podemos verificar que a formação escolar do retor é apontada em vários trechos do discurso reforçando o ethos de bom aluno, com formação acadêmica e pesquisador.

Outro aspecto de análise é a persuasão através do uso de elementos textuais, que despertam no auditório o desejo, a paixão: o *pathos*.

PATHOS – PERSUASÃO PELAS PAIXÕES DO PÚBLICO

Para Reboul (2004), o *pathos* é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. Os aspectos textuais devem envolver o auditório de tal maneira a seduzi-lo e com isso ganhar sua adesão, exemplificamos com o trecho do discurso de posse do deputado Jean Wyllys.

Eu disse que o norte de meu mandato seria a promoção de justiça social e a defesa dos direitos humanos (o que inclui a defesa dos direitos das mulheres em geral; das crianças e adolescentes, em especial daqueles que se encontram em situação de risco social; dos idosos; dos negros e dos adeptos das religiões de matriz africana; e principalmente a defesa dos direitos e liberdades civis de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, que vêm, em mim, o seu primeiro representante legítimo no Congresso Nacional – eu sou o primeiro homossexual assumido, sem homofobia internalizada e ligado ao movimento LGBT a se eleger deputado federal). Eu disse que seria o norte de meu mandato, e vai ser! (WYLLYS, 2011).

O *pathos* aristotélico atua no discurso, pois a partir do momento em que ele justifica seu mandato, suas crenças políticas e o porquê está no Congresso solidariza o auditório com o que lhe está propondo. Lembramos que este é o discurso de posse, o auditório nesta data foi composto por deputados na plateia e cidadãos que assistiram pela televisão. O retor, ao apontar o norte de seu mandato e reafirmar suas metas e compromissos assumidos com as classes que representa, desperta no auditório reações emocionais de prazer e satisfação e, claro, de indignação por parte de seus opositores.

O discurso do deputado ainda se compromete em cobrar da presidenta a defesa dos direitos humanos prometida e não somente isso, como também pretende apresentar projetos. Esses argumentos mencionados se referem ao *pathos* discursivo, mais especificamente ligados à argumentação sensibilizadora que atuará em conjunto com o *ethos* discursivo. Em outras palavras, o deputado apresenta sua pessoa, dizendo quem é, qual sua formação, sua origem humilde construindo o ethos e em seguida confirma o porquê de sua presença no poder legislativo, sensibilizando o auditório e ganhando sua confiança.

Outro aspecto importante desta análise diz respeito ao caráter racionalizador do discurso – o conjunto asserções, justificativas, evidências e pressupostos empregados que objetivam alcançar a adesão do auditório.

Logos – Argumentos lógicos

Perelman e Tyteca (2005) enfatizaram em seus estudos que na estrutura da argumentação o *logos* é a dimensão racional do processo argumentativo, estando atrelado aos aspectos persuasivos de adesão do

auditório à tese proposta. Estes autores ainda irão afirmar que o auditório pode aderir à causa apresentada conforme a habilidade do orador de selecionar a linguagem adequada.

No discurso do deputado Jean Wyllys, o *logos* (dimensão racionalizadora) está presente na construção do discurso de uma forma geral, pois é tecido a partir de afirmações e argumentos que o justificam. Um exemplo é quando o deputado fala do fato de sua mãe querer que os filhos não estudassem. Ele argumenta: “*Diante das necessidades, minha mãe queria que a gente abandonasse a escola para se dedicar mais ao trabalho*”. Verifica-se na frase inicial *Diante das necessidades*, o retor apresenta a justificativa do abandono da escola, visto que, essa prática não seria bem vista pela sociedade.

O retor segue apresentando seus argumentos que sustentam as ideias levantadas. Verifica-se que quando ele fala de sua campanha eleitoral salienta o fato de ser feita com poucos recursos. “*Durante a campanha eleitoral – feita com pouquíssimo dinheiro por meio das redes sociais e de comícios domiciliares, de modo ecologicamente correto, sem o uso de placas, cartazes nem adesivos*”. Percebe-se que o deputado sente a necessidade de explicar de que maneira sua campanha foi feita e demonstrar algo positivo, dessa forma apresenta um pressuposto, pois as campanhas deveriam ser ecologicamente corretas.

O mesmo ocorre quando o retor fala das metas estabelecidas na campanha e justifica dizendo: “*Mas quero deixar claro que não se trata de um discurso romântico ou abstrato em relação à justiça social e aos direitos humanos ...*”. Vemos aqui o emprego dos adjetivos *romântico* e *abstrato*. O uso da linguagem enfatiza que seu trabalho será em prol de fazê-las reais, uma vez que, segundo ele, há recursos para isso.

Os exemplos acima dão uma noção do poder argumentativo do discurso do deputado. A construção das asserções e justificativas, evidências e pressupostos, é constante e tem por objetivo a adesão do auditório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar com este estudo que o discurso de posse do deputado federal Jean Wyllys busca alcançar o objetivo que todo texto argumentativo em sua essência almeja: a adesão do auditório. De acordo com Abreu (2002), a arte de argumentar pressupõe convencer pela razão e persuadir pela emoção. Observamos que o texto analisado está de acordo com a afirmação de Abreu, pois apresenta argumentos de ordem afetiva e lógica.

O discurso do deputado é apresentado para um público formado de parlamentares e o público da TV Câmara. Em função deste público Jean utiliza uma linguagem formal, mas não prolixa, sendo acessível e de acordo com o auditório. Quanto aos elementos retóricos presentes no seu texto, percebemos que há em inúmeras passagens a tentativa de construção de *ethos* do retor. No momento em que o deputado apresenta sua vida, de menino pobre que teve que estudar e trabalhar, ele conta com o auditório para construir o *ethos* e o reafirma para aqueles que já o conhecem. O deputado possui um *ethos* prévio, pois é figura conhecida do país, por haver vencido um programa de televisão extremamente popular. O auditório sabe que ele é homossexual e atribui a ele qualidades intelectuais. No seu discurso o *ethos* é confirmado e construído.

Quanto ao *pathos*, que envolve aspectos psicológicos do discurso, o deputado suscita sentimentos no auditório, pois assume seus compromissos com as classes que representa (principalmente o movimento LGBT). Sabe-se que há no congresso um número grande de parlamentares de formação evangélica, bem como, vivemos em uma sociedade homofóbica e pouco tolerante quanto às diferenças. Pois o deputado no momento em que faz suas afirmações que tocam nos temas: homossexualidade, cultura africana, direitos civis, entre outros, desperta no auditório diferentes sentimentos.

A última instância de análise é o *logos* do discurso. O discurso do deputado é bem sucedido do ponto de vista lógico, as ideias são expostas e os argumentos sustentam as afirmações feitas por ele.

O deputado Jean Wyllys confirma seu *ethos* prévio de homem articulado e apresenta ao auditório um discurso sincero e comprometido com o seu ideal político.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 14. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BERTRAND, Denis. **Parler pour convaincre**. Paris: Gallimard, 1999.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DITTRICH, I. J. **Ampliando a noção de ethos: argumentos credenciadores e legitimadores**. In: LOPES, F.L. e SACRAMENTO I. 91-116 POR UMA TEORIA RETÓRICA DO DISCURSO: PRINCÍPIOS TEORICO-METODOLÓGICOS *Ideação* v. 10 nº 2 p. 2º semestre de 2008 REVISTA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS DA UNIOESTE - CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU 116 ARTIGO (Orgs.). Retórica e Mídia: estudos ibero-brasileiros. Florianópolis. Insular. 2009.
- EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, RUTHY (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2006.
- GOMES, Neusa Demartini. **Publicidade: comunicação persuasiva**. Porto Alegre: Sulina, 2003
- MAINGUENEAU, D. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S. (Orgs.) Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008:11-29. PINTO, M. J. "Retórica e análise de discursos". In: *Fronteiras – estudos midiáticos*, vol. II, 1 São Leopoldo: UNISINOS, 2001.
- _____. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **Análise de textos de comunicação**. 2 ed. Campinas: Cortez, 2002.
- _____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- _____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Unicamp & Pontes, 2002.
- MENEZES, W. A. **Discurso político e gêneros discursivos**. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R (orgs). **Gêneros: Reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 243-261.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- PERELMAN. Chaim; TYTECA. Lucie. **Tratado de Argumentação**. São Paulo, Martins Fontes 1996.
- REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WYLLYS, Jean. **Discurso para o grande expediente**. Disponível em: <www.jeanwyllys.com.br>. Acesso em: 10 Jul. 2011.

ANEXO

DISCURSO PARA O GRANDE EXPEDIENTE

POR JEAN WYLLYS, DEPUTADO FEDERAL – PSOL/RJ

SENHORA PRESIDENTA; SENHORAS DEPUTADAS; SENHORES DEPUTADOS, BRASILEIRAS E BRASILEIROS QUE ASSISTEM À TV CÂMARA (EM ESPECIAL, OS GENEROSOS ELEITORES DO RIO DE JANEIRO QUE ME DERAM SEU VOTO DE CONFIANÇA) CIENTE DE QUE, HOJE, SERIA MINHA ESTRÉIA NESTE PARLAMENTO, ONTEM, ENQUANTO PREPARAVA ESTE BREVE DISCURSO, REMEMOREI MINHA VIDA ATÉ AQUI COMO SE ELA FOSSEUM FILME.

MUITOS DE VOCÊS SABEM QUE A INJÚRIA – OS XINGAMENTOS, AS PIADAS INFAMES, O ESCÁRNIO ENTRE DENTES, A FOFOCA E AS VIOLÊNCIAS FÍSICAS – CONTRA OS HOMOSSEXUAIS PROVOCA QUASE SEMPRE DANOS IRREPARÁVEIS À SUBJETIVIDADE OU À ALMA DA PESSOA. AGORA, IMAGINEM ESSA INJÚRIA COMBINADA À POBREZA EXTREMA EM QUE MINHA FAMÍLIA E EU VIVÍAMOS NA PERIFERIA DE ALAGOINHAS, INTERIOR DA BAHIA, EM QUE SEQUER ÁGUA E SANITÁRIO HAVIA NAS CASAS DE ALUGUÉIS EM QUE MORÁVAMOS...

NÃO BASTASSE A MISÉRIA, E TALVEZ MESMO POR CONTA DELA, MEU PAI ENFRENTAVA PROBLEMAS COM ALCOOLISMO E, POR ISSO, NÃO PARAVA NOS SUBEMPREGOS QUE, VEZ EM QUANDO, PERMITA-LHE TRAZER COMIDA PRA CASA. MINHA MÃE TRABALHAVA COMO LAVADEIRA PARA NÃO NOS DEIXAR MORRER DE FOME. E, PARA AJUDÁ-LA NESTA TAREFA NOBRE, EU FUI, AOS DEZ ANOS DE IDADE, PARA O MERCADO DE TRABALHO INFORMAL. TRABALHAVA NUM TURNO E ESTUDAVA EM OUTRO. AOS SÁBADOS E DOMINGOS, EU E MEUS IRMÃOS NOS DEDICÁVAMOS ÀS ATIVIDADES DO CENTRO COMUNITÁRIO DA BAIXA DA CANDEIA.

DIANTE DAS NECESSIDADES, MINHA MÃE QUERIA QUE A GENTE ABANDONASSE A ESCOLA PARA SE DEDICAR MAIS AO TRABALHO. PARA ELA, ERA IMPORTANTE QUE FÔSSEMOS HONESTOS E RESPEITÁSSEMOS O QUE ERA DOS OUTROS. MAS, PARA MINHA MÃE, NÃO ERA TÃO IMPORTANTE QUE A GENTE ESTUDASSE, POIS, EM SUA CABEÇA, DEDICAÇÃO A ESTUDOS ERA COISA DE GENTE RICA. ACONTECE QUE EU SEMPRE GOSTEI DE APRENDER E DE LER. SEMPRE GOSTEI DA ESCOLA. E PARA ESCOLA EU IA MESMO NOS DIAS EM QUE NÃO HAVIA ABSOLUTAMENTE NADA PARA COMER LÁ EM CASA. E AOS SÁBADOS E DOMINGOS PASSAVA HORAS NA BIBLIOTECA DA CASA PAROQUIAL LENDO LIVROS. LIVROS QUE ME DERAM VALORES HUMANISTAS E A PREOCUPAÇÃO COM O OUTRO, TÍPICOS DO CRISTIANISMO – SIM, PORQUE SE, POR UM LADO, O CRISTIANISMO FUNDAMENTALISTA QUE VIGORA NO CONGRESSO NACIONAL E SUA AMEAÇA AO ESTADO LAICO E DEMOCRÁTICO DE DIREITO NOS APOVORAM, POR OUTRO, É INEGÁVEL QUE FOI O CRISTIANISMO LIVRE DE FUNDAMENTALISMO QUE NOS TROUXE ESSA IDÉIA DE QUE O QUE TORNA UM HOMEM VIRTUOSO SÃO OS SEUS ATOS, OU SEJA, PARA VERDADEIRO CRISTIANISMO, UM SER HUMANO É VIRTUOSO QUANDO AGE EM FAVOR DO BEM COMUM; MAS VOLTANDO AOS LIVROS... LIVROS QUE ME LEVARAM AO MOVIMENTO PASTORAL DA

IGREJA CATÓLICA – EU ME ENGAJEI NA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL E NA PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – E AO TRABALHO NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE.

A FAMÍLIA DE MEU PAI SEMPRE FOI LIGADA AO CANDOMBLÉ, MAS EU SÓ VIM ME APROXIMAR E ME APROFUNDAR NESTA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA DEPOIS DOS 20 ANOS, JÁ HOMEM FEITO. LEITURA E LIVROS QUE ME FIZERAM VER A TELEVISÃO COM OUTROS OLHOS (TELEVISÃO QUE SÓ FOI CHEGAR À MINHA CASA QUANDO EU TINHA 11 ANOS). LIVROS QUE ME FIZERAM ESCAPAR DOS DESTINOS IMPERFEITOS AOS QUAIS AINDA ESTÃO CONDENADOS AS MENINAS E MENINOS DOS BOLSÕES DE POBREZA DESTE PAÍS.

FORMEI-ME EM INFORMÁTICA NO ENSINO MÉDIO, NUMA INSTITUIÇÃO DE EXCELÊNCIA VOLTADA PARA ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DO NORDESTE QUE ESTIVESSEM ACIMA DA MÉDIA 8: A FUNDAÇÃO JOSÉ CARVALHO; ENTREI NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO BEM REMUNERADO; NESSE MESMO ANO PRESTEI VESTIBULAR PARA JORNALISMO NA UFBA, ONDE ME FORMEI; TRABALHEI ANOS COMO JORNALISTA E, DEPOIS DE CONCLUÍDO O MESTRADO, PASSEI A ME DEDICAR MAIS AO ENSINO SUPERIOR. DEIXEI OS ANOS DE MISÉRIA PARA TRÁS; FIZ A TAL MOBILIDADE SOCIAL SEM CONTAR COM A AJUDA FINANCEIRA DOS MEUS PAIS – QUE, AO CONTRÁRIO, DEPENDIAM DE MIM – NEM DE APADRINHAMENTOS DE QUALQUER TIPO!

EU QUE PODERIA TER MORRIDO DE FOME OU POR FALTA DE SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE; QUE PODERIA TER SUMCUMBIDO A UMA BALA DE REVÓLVER DA POLÍCIA OU DOS BANDIDOS OU MESMO À HOMOFOBIA QUE VIGORA NAS COMUNIDADES, TRANSFORMEI A MINHA VIDA E A DE MINHA FAMÍLIA PARA MELHOR. E PODERIA ME CONTENTAR COM ISTO E SÓ OLHAR PARA FRENTE!

MAS E OS QUE FICARAM PARA TRÁS? AQUELES QUE, ABANDONADOS PELO ESTADO À PRÓPRIA SORTE, NÃO TIVERAM A FORÇA DE VONTADE DE RESISTIR E SOBREVIVER À MISÉRIA? E AQUELES QUE FICARIAM PARA TRÁS, QUE ESTARIAM FADADOS A MORRER VITIMAS DAS GUERRAS ENTRE QUADRILHAS DE BANDIDOS OU NAS MÃOS DA POLÍCIA CORRUPTA, COMO ACONTECEU A MUITOS DOS MEUS COLEGAS DA BAIXA DA CANDEIA? E AQUELAS CRIANÇAS HOMOSSEXUAIS QUE NÃO SOBREVIVERIAM AO AMBIENTE DE HOSTILIDADE HOMOFÓBICA? COMO É POSSÍVEL VIVER CONTENTE SE SEUS SEMELHANTES AINDA SÃO VÍTIMAS DAS INJUSTIÇAS?

PODE HAVER GENTE EGOÍSTA NO MUNDO, MAS EU NÃO FAÇO PARTE DELA, DE VERDADE! TER UMA VIDA CONFORTÁVEL, RELATIVAMENTE SEGURA E TRABALHAR, POR MEIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, DO JORNALISMO E DOS MOVIMENTOS SOCIAIS, PELOS DIREITOS HUMANOS, NÃO ME IMPEDIRAM DE RECONHECER QUE ISTO É POUCO; QUE EU POSSO FAZER MUITO MAIS PARA MELHORAR A VIDA DOS OUTROS. E QUE ESTE “MUITO MAIS” PASSA NECESSARIAMENTE PELA POLÍTICA INSTITUCIONAL. POR ISSO, DEPOIS DE ALGUMA RELUTÂNCIA, DECIDI ACEITAR O CONVITE DA COMBATIVA HELOÍSA HELENA, ENTÃO PRESIDENTE DO PSOL, A ME CANDIDATAR A DEPUTADO FEDERAL PELO RIO DE JANEIRO, ESTADO QUE ME ACOLHEU DE BRAÇOS E CORAÇÃO BEM ABERTOS HÁ SEIS ANOS.

DURANTE A CAMPANHA ELEITORAL – FEITA COM POUQUÍSSIMO DINEHIRO POR MEIO DAS REDES SOCIAIS E DE COMÍCIOS DOMICILIARES, DE MODO ECOLOGICAMENTE

CORRETO, SEM O USO DE PLACAS, CARTAZES NEM ADESIVOS – DURANTE ESSA CAMPANHA E NAS ENTREVISTAS QUE SE SUCEDERAM À ELEIÇÃO, EU DISSE QUE O NORTE DE MEU MANDATO SERIA A PROMOÇÃO DE JUSTIÇA SOCIAL E A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS (O QUE INCLUI A DEFESA DOS DIREITOS DAS MULHERES EM GERAL; DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES, EM ESPECIAL DAQUELES QUE SE ENCONTRAM EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL; DOS IDOSOS; DOS NEGROS E DOS ADEPTOS DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA; E PRINCIPALMENTE A DEFESA DOS DIREITOS E LIBERDADES CIVIS DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, QUE VÊM, EM MIM, O SEU PRIMEIRO REPRESENTANTE LEGÍTIMO NO CONGRESSO NACIONAL – EU SOU O PRIMEIRO HOMOSSEXUAL ASSUMIDO, SEM HOMOFOBIA INTERNALIZADA E LIGADO AO MOVIMENTO LGBT A SE ELEGER DEPUTADO FEDERAL). EU DISSE QUE ESSE SERIA O NORTE DE MEU MANDATO, E VAI SER!

MAS QUERO DEIXAR CLARO QUE NÃO SE TRATA DE UM DISCURSO ROMÂNTICO OU ABSTRATO EM RELAÇÃO À JUSTIÇA SOCIAL E AOS DIREITOS HUMANOS, POIS VOU ME DEDICAR A ENFRENTAR O QUE CONSIDERO AS PRINCIPAIS FONTES DE INJUSTIÇA SOCIAL E DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NO BRASIL: A SABER, A AUSÊNCIA DE RECURSOS SUFICIENTES PARA AS ÁREAS SOCIAIS; A ELEVADA TRIBUTAÇÃO INDIRETA E DEMAIS DISTORÇÕES DO MODELO TRIBUTÁRIO, QUE RETIRA RECURSOS DAS CAMADAS MAIS POBRES E GARANTE PRIVILÉGIOS AOS RICOS; ALÉM, EVIDENTEMENTE, DO CRESCENTE PROBLEMA DO ENDIVIDAMENTO PÚBLICO, CUJA AUDITORIA PREVISTA NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 NUNCA FOI REALIZADA! POR ISSO, PARA CHEGAR A ESSAS FONTES DE INJUSTIÇAS E DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS, EU ESCOLHI INTEGRAR, AQUI NA CÂMARA, A COMISSÃO DE FINANÇAS E TRIBUTAÇÃO ALÉM DE OCUPAR UMA VAGA DE SUPLENTE NA COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS.

EU ESTOU CERTO DE QUE A INJUSTIÇA FISCAL APROFUNDA A INJUSTIÇA SOCIAL E ANIQUILA A GARANTIA DE DIREITOS HUMANOS. POR ISSO, DURANTE ESSA LEGISLATURA, VOU COBRAR DA PRESIDENTA DILMA A DEFESA INTRANSIGENTE DOS DIREITOS HUMANOS PROMETIDA EM SEU DISCURSO DE POSSE E QUANDO DA ENTREGA DE SUA MENSAGEM AO CONGRESSO NACIONAL.

COMO REPRESENTANTE DO RIO DE JANEIRO, VOU DEFENDER A POPULAÇÃO DO ESTADO, QUE – COMO OS OUTROS HABITANTES DE TODO O PAÍS – TEM PAGO UM ALTO PREÇO EM VIRTUDE DA AUSÊNCIA DE RECURSOS PARA AS ÁREAS SOCIAIS, COMO O CASO DA RECENTE TRAGÉDIA QUE ELIMINOU CENTENAS DE VIDAS NA REGIÃO SERRANA. PARA SE TER UMA IDÉIA, EM 19 DE JANEIRO DESTES ANOS, A TAXA SELIC FOI AUMENTADA DE 10,75% PARA 11,25% AO ANO, O QUE VAI GERAR UM AUMENTO DE CERCA DE DEZ BILHÕES DE REAIS POR ANO NAS DESPESAS COM JUROS DA QUESTIONÁVEL DÍVIDA INTERNA BRASILEIRA. ESSES DEZ BILHÕES DE REAIS REPRESENTAM UMA QUANTIA 20 VEZES SUPERIOR AO MONTANTE DE RECURSOS QUE O GOVERNADOR DO RJ ALEGOU TER RECEBIDO DA UNIÃO EM QUATRO ANOS PARA COMBATER OS DESASTRES DECORRENTES DAS CHUVAS, QUE SERIA DE 500 MILHÕES DE REAIS. OU SEJA, AS DESPESAS DO GOVERNO COM OS JUROS DA QUESTIONÁVEL DÍVIDA INTERNA SÃO 80 VEZES O VALOR RECEBIDO PELO GOVERNO DO RIO DE JANEIRO PARA PREVENÇÃO DE DESASTRES EM DECORRÊNCIA

DAS CHUVAS SE CONSIDERARMOS O MESMO PERÍODO DE QUATRO ANOS. ABSURDOS COMO ESSES NÃO VÃO CONTINUAR OU COMEÇAR SEM QUE OS DENUNCIE AQUI!

PORÉM, EU NÃO PRETENDO ME RESTRINGIR À FISCALIZAÇÃO DO GOVERNO NEM ÀS DENÚNCIAS DE SEUS ERROS. TAMBÉM VOU APRESENTAR PROJETOS, EXERCER TODAS AS ATRIBUIÇÕES PERTINENTES À FUNÇÃO LEGISLATIVA PARA EXIGIR IMPLACAVELMENTE A ADOÇÃO DE MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA O CUMPRIMENTO DA CONSTITUIÇÃO E DO RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS. POR EXEMPLO, EM PARCERIA COM OUTROS SETE PARLAMENTARES, ESTOU REESTRUTURANDO A FRENTE PARLAMENTAR MISTA PELA CIDADANIA LGBT E APRESENTANDO UMA PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL QUE ASSEGURA O DIREITO DOS HOMOSSEXUAIS AO CASAMENTO CIVIL (SE O ESTADO É LAICO E SE OS HOMOSSEXUAIS TÊM TODOS OS DEVERES CIVIS, ENTÃO, POR UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA, OS HOMOSSEXUAIS TÊM QUE TER TODOS OS DIREITOS CIVIS GARANTIDOS AOS HETEROSSEXUAIS, INCLUSIVE O DIREITO AO CASAMENTO CIVIL; SE HOJE UM CASAL PODE SE DIVORCIAR E, EM SEGUIDA, PARTIR, CADA UM, PARA NOVOS CASAMENTOS, É PORQUE O CASAMENTO CIVIL NÃO É DA COMPETÊNCIA DE IGREJAS NEM RELIGIÕES).

E PARA QUE ESSE OBJETIVO TENHA ÊXITO, ESCOLHI INTEGRAR TAMBÉM A COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA, A FIM DE ENVOLVER A SOCIEDADE EM DEFESA DE SEUS DIREITOS, GARANTINDO PERMANENTE ATUAÇÃO DA CIDADANIA E PLENO ACESSO DOS QUE ME ELEGERAM – E MESMO DOS QUE NÃO VOTARAM EM MIM – AO MEU MANDATO, POIS TENHO CONSCIÊNCIA DE MINHA CONDIÇÃO DE “REPRESENTANTE” DO POVO.

E EU ESPERO QUE A MINHA ELEIÇÃO MOSTRE A TODO MENINO OU MENINA POBRE DESTE PAIS; A TODO ESTUDANTE DE ESCOLA PÚBLICA; A TODO SER HUMANO VITIMA DE PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EXCLUSÃO POR CONTA DE SUA ETNIA, ORIENTAÇÃO SEXUAL OU IDENTIDADE DE GÊNERO, ESPERO QUE MINHA ELEIÇÃO MOSTRE A ELE QUE TODO CIDADÃO TEM O DIREITO DE PARTICIPAR DOS ASSUNTOS PÚBLICOS, INCLUSIVE O DIREITO DE CONCORRER A CARGOS ELETIVOS, PARTICIPAR DA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS QUE AFETEM SEU BEM-ESTAR E DE TER ACESSO IGUAL A TODOS OS NÍVEIS DO SERVIÇO PÚBLICO E EMPREGO EM FUNÇÕES PÚBLICAS, INCLUINDO A POLÍCIA E AS FORÇAS ARMADAS.

EU QUERO FAZER, DE MINHA LEGISLATURA, UMA FONTE DE JUSTIÇA SOCIAL E DE DEFESA DAS LIBERDADES CIVIS E DOS DIREITOS HUMANOS. EU DEVO ISSO AO POVO BRASILEIRO. EU DEVO ISSO A MINHA MÃE, MÃE CORAGEM.

OBRIGADO!

